

# Madalenas arrependidas

**POLÍTICA CULTURAL** Antes apoiadores do bolsonarismo, artistas como Maitê Proença e Marcelo Madureira descobrem o abismo do autoritarismo e da censura

POR JOTABÊ MEDEIROS

**A** imagem da atriz Maitê Proença segurando uma faixa de protesto pela orla de Ipanema, ao lado dos cantores Criolo e Caetano Veloso, brandindo *slogans* contra as queimadas criminosas (e estimuladas pelo próprio governo federal) na Amazônia, parecia uma espécie de piada da internet, um *mashup* de imagens que algum gaia-to tinha feito, uma montagem cômica. Mas era verdade, Maitê estava realmente lá. “O que está acontecendo é muito perigoso, porque não tem volta”, disse a atriz, fingindo não ter ouvido direito a pergunta do repórter: “Bolsonaro ameaça a natureza do Brasil?”

A atriz, de notórias posições antiprogredistas, tinha ficado célebre no fim do ano passado ao defender enfaticamente a eleição do ex-capitão. “O Bolsonaro não ganhou porque ele quer a volta da tortura, as mulheres ganhando menos ou os homossexuais encarcerados. Ele ganhou porque foi autêntico. O homem comum quer segurança, emprego e comida na mesa, ele abriu mão dos direitos humanos para ter isso. Eu não vou atirar pedras, é o que temos. O povo quis assim.

Vamos torcer, gente. Pelo amor de Deus.”

Mudou Deus, mudou Maitê ou mudou Bolsonaro? A suspeita é de que nenhum dos três tenha se transformado, mas o instinto de sobrevivência da atriz certamente antecipou seu salto do barco do emergente pesadelo autoritário do ex-capitão, considerado inimigo da Humanidade por algumas das maiores nações do planeta. O que chama atenção é que há um festival de artistas abandonando os delírios do capitão: Lobão, Ney Matogrosso, Danilo Gentili, Marcelo Madureira.

A passeata de Ipanema foi organizada pela empresária Paula Lavigne, que ficou furiosa com um boneco gigante do presidente Lula, uma reivindicação da liberdade do maior preso político da nossa história. Paula mandou retirar o boneco. “Esses artistas são meus!”, teria dito. Muitas vezes o sujeito acorda, mas

**A claque bolsonarista não suporta críticas. Principalmente de antigos aliados**



**Cria cuervos.** Maitê agora se protege no meio dos democratas. A Madureira, resta a proteção da polícia

o sono permanece: Paula parece não compreender que a prisão arbitrária de Lula é justamente o ponto central de toda a política de retrocesso que acomete o Brasil neste momento.

O humorista Marcelo Madureira, por sinal, aprendeu no domingo, da pior maneira possível, que uma democracia é um ambiente diferente daquele de um regime autoritário. Adepto de primeira hora das brigadas antipetistas, o ex-Casseta foi a uma manifestação pró-Lava Jato na Praia de Copacabana, no Rio. Achou que estava diante de um público acostumado

MARINA VILELA/FRAMESPHOTO/FOLHAPRESS E WILTON JUNIOR/ISTADÃO CONTEUDO



“Para falar de forma vulgar de um assunto que foi idolatrado demais, os fatos científicos são como peixes congelados: a cadeia de resfriamento que os mantém frescos não deve ser interrompida nem sequer por um instante”

BRUNO LATOUR  
(Do livro *Jamais Fomos Modernos*. Editora 34.)



(“Que acalme o coração e faça um bom governo”), reconhece a natureza autoritária desta gestão, mas segue a ressaltar que ela foi eleita democraticamente. “Portanto, não podemos questioná-lo como questionávamos o outro. Realmente é um retrocesso mesmo”, disse ao portal UOL. “Hoje em dia, existe muito mais preconceito do que existia naquela época.” Ney diz não temer o autoritarismo: “Acho que a gente não pode se submeter a isso. Quando você admite que tem medo, está enfraquecido diante do quadro”, afirmou.

**Alguns artistas** “arrepentidos”, órfãos de seus avatares políticos, trafegam ainda em ambientes controlados, mantendo um pé aqui e o outro lá. O ator Carlos Vereza, bolsonarista de primeira hora, falando à agência EFE, em Madri, disse o seguinte: “Bolsonaro está levando mal a gestão cultural por preconceito de seus assessores, não dele”. Difícil entender o que Vereza quis dizer com isso, mas certamente os assessores que ele julga culpados também não aguentam mais a escalada de episódios de censura e preconceito que emanam do Palácio do Planalto. O Secretário Nacional de Cultura, Henrique Pires, deixou o cargo denunciando ingerência indevida da Presidência na cultura e na liberdade de expressão. Pires revelou que um edital de temática LGBT para tevês públicas fora objeto de censura no Ministério da Cidadania. “O Supremo Tribunal Federal em junho decidiu que discriminação de orientação sexual tem o mesmo peso de racismo. A solução jurídica foi esticar isso. O que está havendo é uma caça a um segmento da sociedade”, denunciou Pires. O Ministério da Cidadania rebateu e disse que o tinha demitido por não estar cumprindo bem suas funções, mas o ex-secretário foi sucinto ao explicar que, se fosse verdade, a exoneração teria saído no *Diário Oficial*.



às opiniões contraditórias e ensaiou algumas críticas ao candidato em quem votou para presidente. Estava redondamente enganado. Além de ter o microfone cortado, saiu vaiado e escoltado pela polícia até um táxi. Após ser expulso do protesto, passou a clamar pelo *impeachment* de Bolsonaro.

O mais irônico é que Madureira também segue sem entender nada, como explicitava no seu discurso que enfureceu os bolsominions. “Votei no Bolsonaro e vou criticar todas as vezes que for necessário. Como justificar uma aliança do Jair Bolsonaro com o Gilmar Mendes para acabar com a Operação Lava Jato? É isso que está acontecendo”, falou.

Ney Matogrosso, que fez um discurso conciliador quando Bolsonaro venceu





**Engolidos.**

Lobão desertou e agora enfrenta a fúria dos ex-aliados; Pires viu o buraco da censura a seus pés; e Merval experimenta do próprio veneno

“Seguramente, tenha o nome que tiver, como dizia Shakespeare, uma rosa é uma rosa. Censura é censura. Pode chamar de filtro, do que quiser, mas em última análise é censura”, afirmou o ex-secretário. Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, Pires contou ainda que a vitória de Chico Buarque de Holanda no Prêmio Camões, o principal da língua portuguesa, enfureceu o mandatário da República, que chamou o ministro Osmar Terra às falas. Terra ralhou com Pires, responsável pela escolha dos representantes brasileiros do júri (o poeta Antonio Cícero e o acadêmico Antônio Hohlfeldt). Outro episódio que revela a natureza da aversão do governo pela liberdade de expressão: o ministro Terra cancelou uma visita ao pavilhão brasileiro na Bienal de Veneza porque a obra que representava o Brasil, o vídeo *Swinguerra*, era protagonizado por uma dançarina transexual.

**A Agência Nacional** de Cinema anunciou que os 80 projetos audiovisuais alvos da sanha autoritária pela censura agora oficial do governo Bolsonaro não serão cancelados. Desse total, dez contemplavam “diversidade de gênero” e “sexualidade”. Além dessas duas categorias – nas quais concorriam os projetos *Afronte*, *Transversais*, *Religare Queer* e *Sexo Reverso*, trabalhos apontados como “indecentes” por Bolsonaro em vídeo no último dia 15 –, o edital continha ainda outros 12 blocos temáticos, como

“qualidade de vida” e “sociedade e meio ambiente”. Todos tinham sido suspensos.

O que os artistas temem é que, abandonado o fator argumento, a extrema-direita passe a radicalizar suas ações contra as vozes dissonantes (agora perto da unanimidade). O último ato do 47º Festival de Cinema de Gramado, no Rio Grande do Sul, materializou esses temores: na noite de domingo, por volta de 20h30, quando atores, diretores e produtores passeavam pela Rua Coberta da cidade, entoando um cântico contra a censura e o autoritarismo do governo Bolsonaro, alguns frequentadores dos restaurantes, bolsonaristas, passaram a atirar pedras de gelo na passeata, além de lhes dirigir xingamentos. “Mesmo sendo recebidos a gelo, nossa energia continua”, disse o cearense Allan Deberton, diretor de *Pacarrete*, filme que venceu a mostra (ganhou oito Kikitos: melhor filme, roteiro, direção, atriz e ator coadjuvantes, melhor desenho de som, melhor do júri popular). “Esse filme de terror vai ter um final feliz. Esse vilão vai ser vencido. Menos

**Em Gramado, atores foram atacados com pedras de gelos e palavrões na rua**

Bolsonaros, mais *Pacarretes!*”, bradou.

A estratégia de Bolsonaro para tentar calar as críticas é o insulto e a mentira. No sábado 24, irritado com um artigo do jornalista da Globo Merval Pereira, o presidente acusou-o de ter recebido 375 mil reais por uma única palestra no Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio em 2016. A informação era antiga, de dois anos atrás, e publicada, ironicamente, pelo site *The Intercept Brasil*, que denuncia as armações que resultaram na eleição de Bolsonaro. A reportagem afirmou, porém, que o valor correspondia a 15 palestras, ou seja, 25 mil reais cada. Sem se importar com a inverdade, Bolsonaro arrematou: “Acabei de postar aí uma matéria sobre o Merval Pereira. Palestra por R\$ 375 mil, tá legal? Tá ok?”, afirmou, dirigindo-se aos jornalistas presentes: “Se vocês não fizerem nenhuma matéria sobre isso amanhã nos jornais, eu não dou mais entrevista para vocês, tá legal? Tá combinado? Toda a imprensa, tá combinado?”

“A compreensão é nossa inimiga”, diz o personagem Hendrik, de *Mephisto*, filme de István Szabó, de 1981, sobre um ator que abandona sua consciência para apoiar o nazismo e ascender profissional e socialmente. No Brasil de 2019, o entendimento do percurso de autoritarismo e violências ainda seduz alguns distraídos, mas a verdade aflorou como um rio cristalino. Só os Mephistos vão continuar na trilha da mentira. •

LAYAL ANTANIO/FOTARENA, MAURO VIEIRA/MINISTÉRIO DA CIDADANIA E REPRODUÇÃO